

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1978. A língua dos índios Xetá como dialeto guarani. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 1, p. 7-11. São Paulo.

[Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1978_xeta]

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo, parte da *Coleção Aryon Rodrigues*, foi acrescentado ao acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em julho de 2008.

Aryon D. Rodrigues

**A LÍNGUA DOS ÍNDIOS XETÁ COMO
DIALETO GUARANI**

**SEPARATA DA REVISTA
CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS N.º 1, 1978**

SÃO PAULO, 1979

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS XETÁ COMO DIALETO GUARANI

Aryon D. Rodrigues
UNICAMP

Os índios da Serra dos Dourados, PR, só se tornaram conhecidos na década de 1950 e só começaram a ser estudados a partir de 1956 (Fernandes, 1958). As primeiras observações sobre sua língua provocaram a hipótese de que se tratasse de uma língua tupi-guarani fortemente mesclada com elementos estranhos: Guérios (1959, 112) declara que 'o xetá é uma língua mista no sentido de que há um considerável contingente aloglótico sobre a base tupi-guarani', e Loukotka (1960, 368) conclui que a língua "da tribo da Serra dos Dourados foi intensamente desagregada por influências estranhas, desconhecidas e indetermináveis". Essa hipótese parecia casar-se bem com a situação cultural daqueles índios, essencialmente caçadores e coletores ao contrário dos povos tipicamente tupi-guaranis, que são agricultores.

O primeiro antropólogo que deles se ocupou atribuiu-lhes o nome xetá (Fernandes, 1958), que se tornou mais ou menos corrente na literatura antropológica e que é uma das designações dos "botocudos" do rio Ivaí, PR, referidos de meados do século passado à primeira década do século XX sob diferentes nomes: bugres (Elliot, 1869), botocudos (Keller [1867] em Lovato, 1974; Bigg-Wither, 1878), aré (Borba, 1904, 1908), notobotocudos (Ihering, 1907), xetá [ššetá, šetá] (Frič, 1909, 1943; Loukotka, 1929), yvaparé (Nimuendaju, 1914). A identificação dos índios da Serra dos Dourados com esses "botocudos" é ainda uma questão aberta.

Os dados colhidos por mim entre os índios da Serra dos Dourados de 1960 a 1962 e em 1967 revelam que se trata não apenas de uma língua da família tupi-guarani, mas de um idioma que se filia imediatamente ao grupo dialetal guarani (cf. Guérios, 1959, 112) e que não sustenta a hipótese de tratar-se de língua mista ou fortemente influenciada por idioma estranho, não tupi-guarani. A maior parte dos elementos divergentes, que levaram àquela hipótese, deve-se aos seguintes fatores:

1) mudanças fonológicas que tornaram algumas palavras não imediatamente reconhecíveis como afins a suas correspondentes em guarani (os dados aqui utilizados são do guarani antigo, extraídos de Ruiz de Montoya, 1876, e fonemizados segundo Grannier Rodrigues, 1974); p. ex.: a'wāci *neblina*, em guarani (g.) ibi'ti; 'ñocha *espécie de palmeira*, g. yu'yi; wa'rēke *bebida (de coquinho)*, g. i'ba r'kwe *suco de fruta*; há'wiča *grande*, g. hubi'cya; 'rāiča *frio*, g. ro'?'cā;

2) substituição de nomes tabuizados por outras designações, geralmente locuções descritivas; p. ex. 'haikā 'pīritai *caça/carne malhada*, em lugar de 'ñagwa *onça*, que corresponde ao guarani ya'wa (re'te), 'haikā čape'ai *caça/carne que tem casca*, em lugar de 'tato *tatu*, que corresponde ao g. ta'tu; 'haikā 'huuai *caça/carne que faz huu*, em lugar de ka'piwai *capivara*, que corresponde ao g. kapi?'ba;

3) substituição de nomes simples por locuções metafóricas que aludem a fatos míticos; p. ex.: 'ñane 'čape ta'kiē *nossa luz, irmão mais velho* para o sol, em g. kwara'hī; 'ñane 'čape 'tēwē *nossa luz, irmão mais moço* para a lua, em g. ya'ci; ta'toka *aldeia das estrelas* para o céu, em g. i'bag; ta'toka ma'ηetai *introdutor (?) do céu* para o gavião, em g. tawa'to;

4) substituição de nomes simples ou complexos por derivados ou compostos descritivos; p. ex.: haikā'ča (haikā+eči+a) *assador de caça/carne*, em lugar de 'ata *fogo*, que corresponde ao g. a'ta; 'ñane 'tata *nossas estrelas*, cujo segundo elemento corresponde ao segundo componente do g. ya'ci-ta'ta *estrela*; ñepra'ka *o colhedor* (g. yepora'ka'ha) para o machado, em g. yi; či mi'rata *que eu faço andar comigo* (g. cye remieroa'ta) para *minha esposa*, em g. cye remire'ko (literalmente *a que eu faço estar/viver comigo*); porō'ha *o pizador* (g. pi'rū'ha) para o pé, em g. pi; mā'ha *o vedor* (g. ma'?'ē'ha) para o olho, em g. e'ca; poči'a *o defecador* (g. po'ti'ha) para o ânus, em g. e'bi'kwa (literalmente *orifício das nádegas*); 'moi či'waki *cobra de braços* para o lagarto, em g. te'yu;

5) substituição de nomes simples ou complexos por outros em consequência de extensões semânticas associadas ou não a mudanças culturais; p. ex.: ta'pegwa *esteira para dormir*, em g. pi'ri (pē'mi), mas correspondente ao g. tatape'kwa *abano para o fogo*: a mesma peça tem ambas as sêrventias entre os índios da Serra dos Dourados; 'tagwa *flauta*, em g. mi'mi, mas correspondente ao g. ta'kwa *taquara*: as flautas da Serra dos Dourados são feitas de taquara; ka'nomi *homem*, em g. kuima'?'e, mas correspondente ao g. kunumī *menino*; 'ñčoī *sapo*, em g. kuru'ru, mas correspondente ao g. yu'?'i rā;

Embora nem todos os elementos lexicais registrados tenham podido ser identificados, até agora, com elementos guaranis conhecidos, parece certo, entretanto, que não há nenhuma evidência de

intrusão de empréstimos lexicais de língua não tupi-guarani no idioma dos índios da Serra dos Dourados. As comparações com línguas não tupi-guaranis sugeridas por Guérios (1959, 107ss.) não têm força demonstrativa. Por uma parte, distribuem-se dispersamente por mais de vinte diferentes famílias lingüísticas, a maioria das quais representada nas comparações por um único item lexical. Por outra parte, apreciável número dos elementos xetá assim comparados são daqueles que acabaram revelando-se seguramente tupi-guarani: ta'toka *céu* (cf. 3 acima); o'téké *chove*, g. otí'ki *pinga*, *goteja*; 'ñane 'cape *sol* (cf. 3 acima), g. ya'ne ca'pe *nossa luz*; 'tagwa *flauta*, g. ta'kwa *taquara*; 'nane ka'nomi *homem*, g. ya'ne kunu'mí *nosso menino*; 'čarií *velho*, g. ya'riy *avó*; pi'apo *coruja*; g. pi'ha'po *habitante da noite*; ě'wa 'reki, wa'rėki *bebida (de coco de jerivá)*, g. ĩ'ba ri'kwe *suco de fruta*; ha'wiča *grande*, g. hubi'cya *grande*.

A comparação sistemática da língua da Serra dos Dourados com as demais línguas da família tupi-guarani mostra que tanto a fonologia quanto o léxico daquela são deriváveis mais imediatamente do grupo dialetal guarani que de qualquer dos outros ramos da família. Peculiaridades lexicais e fonológicas do grupo guarani encontram-se também no xetá da Serra dos Dourados: 'mopi *morcego* corresponde ao g. mo'pi, que se distingue do tupinambá e outras línguas tupi-guarani an'ra; 'kěče *ter medo* corresponde ao g. kĥi'ye, uma metátese de *cĥi'ye, em tupinambá sĥi'ye, guarayo cĥi'ye, sirionó sikiče; ka'pěq'kă *irmã mais moça da mulher* corresponde ao g. kĥi'ĥi, que difere por metátese do tupinambá piki'ĥi. Correspondendo ao tupinambá s, sirionó s, guarayo c, o guarani antigo tem ora c, ora h, e o guarani moderno do Paraná (mbiá), paralelamente, ora ċ, ora φ: pi'o *vocês vão*, em g. ant. pe'ho, g. Pná. pe'o, tupinambá pe'so; 'poi *pesado*, g. ant. po'hĥy, g. Pná. po'iy, t. po'siy; mas, ča *corda*, g. ant. cā, g. Pná. čā, t. sam; čo *morder*, g. ant. cu'ʔu, g. Pná. ču'ʔu, t. su'ʔu; 'răiča *frio*, g. ant. ro'ĥcā, g. Pná. ro'ĥcā; t. ro'ĥsaŋ. (Os dados do guarani do Paraná — mbiá do rio das Cobras — são de Edna Aaron, apud Lemle, 1971).

A principal inovação fonológica do xetá da Serra dos Dourados parece ter sido a mudança da regra de acento: enquanto o acento de intensidade em guarani antigo recaía sistematicamente na última sílaba dos temas nominais e verbais, houve em xetá um deslocamento para a penúltima sílaba: o'gwičĥ *desce*, g. owe'yĥ; 'heče *nele*, g. he'ce; 'ĥka *osso dele*, g. i'kă; 'ita *pedra*, g. i'ta; ĥ'ăča *atravessar rio*, g. ĥa'ca; ĥa'ča *ponte* (de *ĥa'čaa, *atravessadouro*), g. ĥa'ca'ha; 'koto *furar*, g. ku'tu; a'wira *árvore*, g. ĥi'ra.

A essa mudança do acento associa-se a lenização das consoantes oclusivas, que de fortes passam a lenes e se realizam freqüentemente como fricativas nas sílabas tornadas átonas: 'pepo [peβ̥α], [peβ̥α],

['peβa] *asa, pena da asa*, g. pe'po; 'oke [αgɔ] *dorme*, g. o'ke; -'áco ['a]o] *grande*, g. -wacu, ha'meta [ha'meɾa] *tembetá dele*, g. heme'ta; etc.

Entre outras inovações fonológicas, destacam-se as seguintes:

eliminação da oclusiva glotal intervocálica: 'aa *eu caio*, g. a'?'a;

eliminação da fricativa glotal intervocálica: pi'a ['pi'a] *noite*, g. pi'ha;

assilabação das vogais altas contíguas a outra vogal: 'tau [taw] *vou comer*, g. ta'?'u; ta'čau [ta'jaw] *vou tomar banho*, g. taya'hu; 'hai [hay] *mamãe*, g. ha'?'i; mu'ako ['mwako] *aquecer*, g. moa'ku;

abaixamento da vogal central alta em sílaba átona: a'wira *árvore*, g. ibi'ra; 'ëwa *chá*, g. i'bi;

abaixamento das vogais posteriores u, o: 'točo *barro*, g. tu'yu; 'momo ['mama] *atirar*, g. mo'mo;

deslabialização de kw e ηw em sílaba átona: 'rëke *suco*, g. ri'kwe; 'aηe *alma*, g. a'ηwe;

substituição de b [β] por w: 'ëwo *flechar*, g. i'bö; a'woto *vento*, g. ibi'tu;

nasalização aparentemente imotivada de y e w iniciais: 'ño *espinho*, g. 'yu; 'ñoča *palmeira (esp.)*, g. yu'yi; 'ñako *jacu*, g. ya'ku; 'ñčo *arco-íris*, g. yi'?'i; 'ñčo *sapo*, g. yu'?'i rã; ηwa'rapa *arco*, g. wira'pa; ηwira *pássaro*, g. wi'ra; ηwaka *arara vermelha*, g. wa'ka.

Obras citadas

- BIGG-WITHER, Thomas. P. 1878. *Pioneering in South Brazil*, 2 vols. Londres. Tradução: *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná*. Rio de Janeiro, 1974.
- BORBA, Telemaco. 1904. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista* 6:53-62. São Paulo.
- BORBA, Telemaco. 1908. *Actualidade indígena: Paraná, Brazil*. Curitiba.
- ELLIOT, John H. 1869. Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itareré, Paranapanêma e seus afluentes, pelo rio Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do Exm. Sr. barão de Antonina. *Revista Trimestral de Historia e Geographia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 9 (2.^a ed.):17-42. Rio de Janeiro.
- FERNANDES, José Loureiro. 1958. Os índios da Serra dos Dourados (os xetá). *Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia* 27-46. Recife.
- FRÍČ, Albert V. 1908. Kaingánové, lovci otroku: črta z Paraná. *Daleky kraj* 1:47-62. Praga.
- FRÍČ, Albert V. 1943. *Indiáni Jižní Ameriky*. Praga.

- GRANNIER RODRIGUES, Daniele Marcelle. 1974. *Fonologia do guarani antigo. Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. 1959. A posição lingüística do xetá. *Letras* 10:92-114. Curitiba.
- IHERING, Hermann von. 1907. A anthropologia do Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista* 7:202-257. São Paulo.
- LEMLE, Miriam. 1971. Internal Classification of the Tupi-Guarani Linguistic Family. *Tupi Studies I* (David Bendor-Samuel, ed.) 107-129. Norman.
- LOUKOTKA, Čestmír. 1929. Le Šetá, un nouveau dialecte Tupi. *Journal de la Société des Américanistes, n.s.*, 21:373-398. Paris.
- LOUKOTKA, Čestmír. 1960. Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná. *Acta Ethnographica Academiae Scientiarum Hungaricae* 9 (3-4):329-368. Budapeste.
- LOVATO, Lêda A. 1974. A Contribuição de Fritz Keller à Etnografia do Paraná. *Boletim do Museu do Índio, Antropologia* 1. Rio de Janeiro.
- RUIZ DE MONTOYA, Antonio. 1876. *Vocabulario y tesoro de la lengua guaraní, ó más bien tupí*. Nueva edición. Viena e Paris.